



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.38.100.AO07>

## **Visualidades do Ser: vislumbres de intersubjetividade em situações de sofrimento psíquico através do “Autorretrato Ampliado”**

*Visualities of Being: Glimpses of intersubjectivity in situations of psychic suffering through “Extended Self-Portrait”*

*Visualidad del Ser: indicios de la intersubjetividad en situaciones de sufrimiento psíquico por medio del “Autorretrato Ampliado”*

---

Helga Loos-Sant’Ana

Universidade Federal do Paraná, [helgaloos@yahoo.com.br](mailto:helgaloos@yahoo.com.br)  
<http://orcid.org/0000-0003-3892-6928>

Terezinha Pacheco dos Santos Lima

Secretaria Municipal de Assistência Social de Piraquara - Paraná, [terezalima62@hotmail.com](mailto:terezalima62@hotmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0002-5989-4120>

---

### **Resumo**

O presente estudo apresenta o Autorretrato Ampliado como recurso para auxiliar a compreensão de relações que definem a autopercepção e a autoimagem de sujeitos com conflitos psíquicos persistentes. Utilizou-se a análise inter-relacional de três dimensões psíquicas, tais como propostas na perspectiva do Sistema Teórico da Afetividade Ampliada (Theoretical System of Affectfullness): Identidade (Dimensão Configurativa), Self (Dimensão Recursiva) e Alteridade (Dimensão Moduladora). O estudo empírico envolveu a escuta qualificada e a aplicação de técnicas artísticas, como o Módulo Significante para o Desenho da Figura Humana e o Corpo Coletivo, ao longo de doze sessões com periodicidade semanal. Participaram 12 mulheres, entre 34 e 56 anos, que frequentavam um Centro de Atenção Psicossocial/CAPS na região metropolitana de Curitiba (PR). No espaço vital que compreende os materiais, o proponente e os participantes, ressignificações na imagética identitária foram observadas, bem como se verificou

que as relações de alteridade contribuíram para redimensionar as crenças de autorreferência, disponibilizando renovados recursos subjetivos.

**Palavras-chave:** Autorretrato. Identidade. Alteridade. Afetividade Ampliada. Saúde Mental.

### **Abstract**

*This work presents the Extended Self-Portrait as a resource to help comprehend the relations defining self-perception and self-image of subjects with persisting psychic conflicts. We applied the interrelational analysis of three psychic dimensions, as proposed in the Theoretical System of Affectfullness: Identity (Configurative Dimension); Self (Recursive Dimension); and Alterity (Modulating Dimension). The empirical study involved twelve weekly sessions of qualified listening and artistic techniques, such as the Significant Module for the Drawing of the Human Figure and the Collective Body. The participants were 12 women aged between 34 and 56, who attended a Psychosocial Attention Center (CAPS) in the metropolitan area of Curitiba, Paraná, Brazil. In the vital space comprising the materials, the proposer and the participants, we observed resignifications in the identitary imagery, as well as the relations of alterity contributing to the redimensioning of self-beliefs, while also providing renewed subjective resources.*

**Keywords:** Self-Portrait. Identity. Alterity. Affectfullness. Mental Health.

### **Resumen**

*Este estudio presenta al Autorretrato Ampliado como un recurso para facilitar la comprensión de las relaciones que definen la autopercepción y la autoimagen de sujetos que padecen conflictos psíquicos persistentes. Se utilizó un análisis inter-relacional de tres dimensiones psíquicas propuestas en la perspectiva del Sistema Teórico de la Afectividad Ampliada (Theoretical System of Affectfullness): Identidad (Dimensión Configurativa), Self (Dimensión Recursiva) y Alteridad (Dimensión Moduladora). El estudio empírico utilizó la escucha cualificada y la aplicación de técnicas artísticas como el Módulo Significante para el Diseño de la Figura Humana y el Cuerpo Colectivo, a lo largo de doce sesiones semanales. Los participantes fueron 12 mujeres, entre 34 y 56 años, que frecuentaban un Centro de Atención Psicosocial (CAPS) en la región metropolitana de Curitiba, Paraná, Brasil. En el espacio vital que involucra al material, el proponente y los participantes, se observaron resignificaciones en la imaginación identitaria, de igual forma las relaciones de alteridad contribuyeron para redimensionar las creencias auto-referenciadas y disponibilizar recursos subjetivos renovados.*

**Palabras clave:** Autorretrato. Identidad. Alteridad. Afectividad Ampliada. Salud mental.

---

## **Introdução**

### **Sujeito Indireto**

*Quem dera eu achasse um jeito  
de fazer tudo perfeito,  
feito a coisa fosse o projeto  
e tudo já nascesse satisfeito.  
Quem dera eu visse o outro lado,  
o lado de lá, o lado do meio,  
onde o triângulo é quadrado  
e o torto parece direito.  
Quem dera um ângulo reto.  
Já começo a ficar cheio  
de não saber quando eu falto,  
de ser, mim, indireto sujeito.  
(Paulo Leminski)*

Manifestações artísticas acompanham o desenvolvimento humano desde os primórdios de nossa ação no mundo. O íntimo aspecto relacional entre o sujeito e a arte mostra-se como algo intrínseco à condição de ser humano, e sua força é capaz de conduzir a uma percepção mais aguçada de nossa identidade. Isso porque criar uma imagem – ou mesmo apenas contemplá-la – pressupõe um processo sofisticado, não somente do pensamento, mas de todo um engendramento perceptivo que o sujeito realiza através de seu olhar e de seu sentir. Diante disso, entende-se que os fundamentos estéticos da expressão artística colaboram de maneira considerável na elaboração de questões significativas para a construção de nosso sentido de mundo.

Uma concepção epistemológica que ofereça caminhos ampliados de interpretação sobre a imagem como um dos elementos plásticos do pensar, rememorando e registrando a dimensão visual do sujeito e a transformando em vivência (experiência com sentido), deve levar em conta, necessariamente, o que o constitui e o afeta, bem como o meio que, por sua vez, é por ele afetado (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana, 2013b). Arnheim (2005) considera que entender a relação do sujeito com a imagem é entender uma tessitura de relações que não se define com simplicidade. Tal afetação por uma imagem é de uma ordem que transcende suas relações com a estética, uma vez que mobiliza não somente a capacidade perceptiva, em si, mas também a emocionalidade, a memória, os afetos e o conhecimento. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que uma “arqueologia de sentidos” é despertada por uma imagem e, vindo ao encontro de tal perspectiva, Didi-Huberman (2010) defende que uma imagem revela uma organização sofisticada repleta de “dobras” e interstícios latentes, constituindo-se dialeticamente pelos fundamentos do poder imagético.

Uma representação imagética de si costuma ser denominada autorretrato. Muito é mobilizado no processo de realização de um autorretrato. Defende Dobal (2016) que o conhecimento de si implícito nos autorretratos de artistas oferecem testemunhos de um sujeito imerso no mundo. Ou seja, ele não apenas irradia sua própria subjetividade, mas, fundamentalmente, precisa do outro para nele ver-se refletido. Na concepção filosófica sobre a imagem sugerida por Didi-Huberman (2010), para além do que olhamos está também o que nos olha. E isso vai além da ideia de mediação, envolvendo a intensidade relacional que se estabelece entre a imagem e o sujeito.

Dessa maneira, o mais simplório autorretrato nunca é “ingênuo”. Além da imagem (propriamente dita) que cada um tem de si mesmo, a autoimagem carrega os sentimentos e pensamentos gerados por essa visualização, como defendem Spagnolo e Santos (2018). Assim, a imagem de si, além de sua relação mimética com o real, veicula de forma sensorial e codificada saberes sobre o sujeito. Para Didi-Huberman (2010), nesses saberes integram-se as latências da imagem, como a aura, um espaçamento inerente ao encontro entre o “olhante” e o olhado, e a imagem dialética, que pode ser compreendida como um momento de despertar, uma memória do sonho dissolvendo em um projeto de razão plástica, como a memória de algo que estava esquecido. Nesse sentido, salienta Pereira (2018) que as imagens de corpos humanos são, muitas vezes, provenientes de contextos em que os modos de tratamento lhes negam os direitos fundamentais. Então, suas análises produzem implicações que vão além das investigações estéticas; isto é, existe uma proposição ética para o trato das imagens da parte de Didi-Huberman.

### **O “Autorretrato Ampliado”**

Nessa direção paradigmática e defendendo uma abordagem que se sustenta tanto na singularidade quanto na multiplicidade que emergem do sujeito, é imprescindível pensar o psiquismo que produz qualquer criação de cunho artístico de maneira não dualista, como sugerem as premissas do Sistema Teórico da Afetividade Ampliada (STAA) (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana, 2013a, 2013b). O STAA postula a existência de dimensões que se integram em uma dialética constitutiva do sujeito e privilegia a concepção de que esse sujeito se desenvolve continuamente, almejando o equilíbrio e a plenitude.

Assim sendo, também para o STAA a autopercepção necessária à confecção de um autorretrato não se limita à concepção racional de si mesmo, mas se sustenta grandemente em aspectos relacionais, ou, que implicam alteridade. A imagem de si, portanto, é mais que apenas expressão, uma vez que se associa a relações fundamentais que emergem da busca de singularidade em meio a um mundo constituído pela pluralidade interacional.

Nessa dimensão de alteridade que produz uma imagem “plural”, a arte serve ao sujeito através dos aspectos visíveis bem como dos não visíveis da imagem desde os primórdios da ontogênese, conforme apontado por diferentes autores no campo da

Psicologia: a percepção de seu próprio movimento especular<sup>1</sup> e identificatório. A partir de tais premissas, propõe-se o Autorretrato Ampliado, no qual o sujeito, afetado por suas vivências interacionais e subjetivas, é trazido à luz e incluído, da maneira mais plena possível, em uma representação em que ele é seu próprio objeto de análise, considerações e reconsiderações.

O Autorretrato Ampliado, em que a inscrição de sua própria visualidade pressupõe uma dialética intersubjetiva, apoia-se, em um primeiro plano, na Unidade Triádica que constitui a Célula Psíquica (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013a) – configuração básica da psique conforme postula o STAA. Essa unidade tridimensional pode ser entendida como a “partícula fundamental” da psicologia humana, organizando a psique em um nível pessoal. Três processos psicológicos essenciais a compõem, a saber: a Dimensão Configurativa (apoiada na Identidade), que se perfaz como uma instância periférica ou “membranácea” de contato com a realidade, por meio da qual cada sujeito identifica-se e é identificado; a Dimensão Recursiva (apoiada no Self), que agrupa as crenças de autorreferência e subsidia a construção de recursos subjetivos e emocionais; e a Dimensão Criativa (apoiada na Resiliência) – conceito esse entendido de modo expandido, ou seja, em seu potencial de autoatualização, renovação e recriação por meio da possibilidade de ampliar a escala de compreensão de mundo, recorrendo ao nível universal.

Entretanto, esclarecem os autores do STAA que, embora se constitua uma estrutura unificada e até mesmo singular, cada Célula Psíquica necessita se manter no e a partir do jogo das interações. Isso é possível porque, entre uma unidade e outra (entre uma célula e outra, afetivamente entre os indivíduos), há uma dimensão de intersecção; e entre todas as unidades da realidade há uma dimensão universal, integralizadora, totalizante. Assim sendo, conforme o STAA, a psique possui ainda mais duas dimensões que perfazem as probabilidades existenciais do indivíduo ou “ser psíquico”: a Dimensão Moduladora (apoiada na Alteridade), com a função de sintonizar com o ‘outro’ e de

---

<sup>1</sup> O movimento especular é parte importante da constituição do ‘eu’, subjetivada pela criança em fases precoces do desenvolvimento, e envolve um lugar imaginário para a própria imagem corporal, na qual se interpõem a imagem da mãe, a própria imagem no espelho e a imagem de outros, em suas diferenças, coincidências e oposições (2007). Foi estudado tanto na abordagem psicanalítica por Freud e Lacan, como também na perspectiva interacionista por Wallon e Winnicott, tornando-se um conceito importante na área da Psicomotricidade.

modular a Célula Psíquica através do contato com o contexto imediato; e a Dimensão Homeostática ou Verdadeiro Eu (apoiada na Linguagem Plena), em que o ser psíquico anseia ao seu máximo limite de desenvolvimento e harmonia das e entre as dimensões anteriores e o meio externo (o outro, a realidade, o mundo) (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013a).

Isso posto, o Autorretrato Ampliado é o resultado da reverberação das cinco dimensões mencionadas, por meio das quais se organiza a Célula Psíquica. E pode, portanto, ser analisado a partir de todas essas perspectivas. No presente trabalho, que representa um recorte de um estudo realizado, serão apresentados dados e discussões que aludem a três dos constructos propostos pelo STAA referentes à estruturação da Célula Psíquica: a Dimensão Configurativa (Identidade), a Dimensão Recursiva (Self) e a Dimensão Moduladora (Alteridade). Por isso, serão fornecidos, a seguir, mais alguns detalhes acerca do entendimento das referidas instâncias – e já iniciando a conexão com uma das características enfocadas no grupo de participantes do estudo, que é a presença de sofrimento psíquico persistente.

O que é observável quando alguém interage em qualquer situação está calcado em elementos que constituem sua própria estrutura existencial. Esta estrutura abrange um amplo conjunto de autorreferências (crenças sobre si e sobre o funcionamento do mundo), acumuladas ao longo de toda a experiência de vida e que se subjetivam no Self. Trata-se de uma instância particular de cada ser que armazena, organiza e ativa tais concepções transformando-as em recursos psicológicos, utilizados para orientar o comportamento e as interações. Por isso, conforme Sant'Ana-Loos e Loos-Sant'Ana (2013a), compõem a Dimensão Recursiva da psique.

Aspectos de sua subjetividade, no entanto, “emergem” na comunicação de um organismo com a realidade ao seu redor, e isso possibilita que seja referenciado pelos demais agentes de um contexto e se diferencie destes. Nesse movimento, desenvolve-se uma instância periférica de contato com o mundo objetivo denominada Identidade, compondo a Dimensão Configurativa da psique. O STAA assim a nomeia porque esta configura o indivíduo, dando-lhe forma, e lhe concedendo características que o permitem reconhecer-se e ser reconhecido. A identidade é a instância psíquica por onde se manifesta o pensamento consciente e se faz a entrada na linguagem, permitindo que o conteúdo psíquico, localizado no self, ganhe expressão (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013a).

Nesse sentido, a Afetividade Ampliada (modo alternativo de se referir ao STAA) entende que o indivíduo, em suas ações e interações, pode alcançar homeostase existencial através da contínua (re)elaboração das relações imagéticas que conformam a relação identidade-self. Conflitos psíquicos persistentes são indicadores de que tal relação se encontra comprometida e, justamente por isso, mostra-se a necessidade de que novos recursos psíquicos sejam conquistados. Uma vez que a qualidade das interações vivenciadas pelo sujeito com sofrimento psíquico desde a mais tenra idade possui efeitos (normalmente negativos) no processo de construção de suas crenças de autorreferência, os processos desencadeados na Dimensão Moduladora assumem ainda maior importância. Isso porque a modulação é feita pela Alteridade, ou seja, na relação que se estabelece entre o ‘eu’ e o ‘outro’ pela proximidade, cujo sentido fundamental e último é a responsabilidade do eu pelo outro. E nesse compromisso, na consideração legítima da presença do outro, é que ocorre a modulação psíquica, pois ao outro é conferida a tarefa de validar honestamente (ou não validar) os processos de manutenção, representação e ampliação de si (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana, 2013a).

A alteridade assimilada pela prática terapêutica, em sua dimensão moduladora, intervém no que está estabelecido na estrutura psíquica e que gera conflitos e sofrimento. Ou seja, ao rearranjar as representações psíquicas oriundas das interações experienciadas, pode vir a contribuir para restituir a homeostase dos processos mentais que orientam a integralidade da organicidade humana.

Com tal pano de fundo teórico-epistemológico, aqui sucintamente apresentado, o Autorretrato Ampliado pressupõe um conjunto de sessões e atividades que, contextualizadas na dinâmica de produção concreta do material – perfil do(s) participante(s), objetivo(s) do projeto, características do ambiente físico, entre outras –, partem da ideia mais geral de “desenho da figura humana” realizada com o auxílio de instrumentos (adaptados a cada contexto), o qual vai se subjetivando e permitindo reelaborações de aspectos identitários e sélficos do indivíduo que o produz, gradativamente refinados por movimentos de alteridade. Ao longo das sessões, o autorretrato vai sendo modelado e remodelado, em um trabalho alimentado por memórias que vão sendo ressignificadas por percepções presentes e pela construção de expectativas futuras. Assim, indo ao encontro do que descreve Dobal (2016), o autorretrato funciona

como testemunho de uma maneira de estar no mundo que recupera a multiplicidade do sujeito, oferecendo-lhe novas perspectivas de ser.

### **Contexto e objetivos do estudo**

No contexto do presente estudo são referidas pessoas que, ao chegarem a um Centro de Atenção Psicossocial<sup>2</sup> (CAPS), encontram-se em meio a sérios conflitos psíquicos, cuja condição provém, em grande medida, de um conjunto de concepções racionalistas e dicotômicas sobre o que é “normal” e “anormal” que povoam o imaginário social, e que mostram pouco entendimento acerca da dinamicidade do psiquismo humano. Frequentemente são qualificados como “incapazes”, termo comumente justificado pelo fato destes sujeitos não preencherem os quesitos correspondentes ao comportamento esperado e considerado correto. Como argumenta Amarante (2011), um entendimento fragmentado sobre o que vem a ser um *sujeito*, na acepção plena da palavra, sustenta tais práticas e impede os profissionais que acolhem tais pessoas, mesmo em instituições que se destinam a auxiliá-las, de perceber que nessas “incapacidades” encontram-se múltiplas experiências humanas, que são a contínua e própria produção do si mesmo. Silva (2017) corrobora tal concepção ao denunciar que, “[...] ao ir se revelando a insuficiência da ação técnica científica em termos de sofrimento humano e medicalização, representações diagnósticas e intervenções predominantemente medicamentosas para acolher o sofrimento, ressaltamos a importância de pensar a ação clínica como um modo de acompanhar/disponibilizar-se ao outro.” (pp. 82-83). E, considerando-se a plasticidade funcional da Célula Psíquica, tal como sustentada pelo STAA (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana, 2013a), a recriação das crenças de autorreferência é possível e mesmo necessária, mas precisa contar com os processos moduladores da alteridade a ser provida pelas interações, pela intersubjetividade que envolve o meio externo. Isso é ainda mais relevante quando se fala em ambientes terapêuticos, pois estes deveriam, por definição, constituir-se um conjunto de ações cuidadosas e realmente voltadas à reparação e ao desenvolvimento.

---

<sup>2</sup> Rede integrada existente no Brasil de serviços voltados à saúde mental, de caráter ambulatorial, com cuidados diários e com ênfase na base comunitária, que oferece atendimento a pessoas com conflitos psíquicos persistentes decorrentes de transtornos mentais e/ou do consumo de álcool, crack e outras drogas, residentes na área de abrangência geográfica de cada unidade.



Assim sendo, no âmbito das artes aplicadas a contextos como o que aqui se explora, não se mostram suficientes ações artísticas enquanto produções objetivas voltadas apenas ao domínio de uma técnica ou, então, práticas corporais e atividades externas como passeios ou outros passatempos, sem que se vise ao alcance de algum sentido próprio e circunscrito no contexto existencial do participante que, via de regra, é perpassado por graves conflitos. Devem contar, sobretudo, as imagens, os pensamentos, as memórias, as fantasias, os atos, etc., que não se reduzem apenas a experiências da consciência imediata ou a comportamentos esperados e reforçados pelo grupo social; mas, sim, que constituem o sujeito em sua vivência no mundo e que lhe está ocasionando sofrimento. Afinal, como argumenta Souza (2015), temos vivenciado crises interacionais de diversos tipos nos contextos sociais, as quais possuem um papel importante nos processos de adoecimento. E a crise que se manifesta por meio da enfermidade pode vir a se tornar, se bem manejada, uma oportunidade significativa de exercício da resiliência e para a construção de recursos psicológicos úteis na superação de adversidades.

Defende-se aqui que as relações que permeiam qualquer ação direcionada não somente a quem frequenta os centros de atenção psicossocial ou hospitais, ou participa de qualquer processo terapêutico, mas a qualquer pessoa com quem se pretenda contribuir em seu desenvolvimento – incluindo-se nisso as ações de caráter educativo em geral –, necessariamente deveriam levar ao encontro de seu sentido existencial.

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho realizado foi o de, a partir de práticas artísticas centradas no Autorretrato Ampliado – que busca potencializar modos alternativos de autopercepção e de ressignificação de si –, conduzir os participantes a uma profunda reflexão sobre si mesmos, incentivando-os a, gradativamente, deixar emergir novos significados de sua imagética identitária e realocar recursos úteis à atualização de seu sentido existencial; contribuindo, assim, para minimizar seu sofrimento psíquico. O presente artigo propõe-se a compartilhar parte desta experiência, posicionando os leitores acerca da opção paradigmática que fornece suporte ao trabalho e reportando alguns dos procedimentos e dados coletados que funcionam como indicadores do processo vivenciado ao longo do estudo.

## Método

### Participantes

O grupo de pesquisa foi composto por indivíduos inseridos nas atividades artísticas oferecidas no espaço institucional do CAPS II, situado na região metropolitana de Curitiba, Estado do Paraná, região Sul do Brasil. Assim sendo, participaram do estudo 12 mulheres com idades variando entre 34 e 56 anos, selecionadas por suas preferências expressivas, ou seja, seu interesse em desenhos, produção de objetos e participação em atividades externas. Seus respectivos prontuários identificavam-nas, de acordo com o CID-108, entre as categorias F30 e F33, o que caracteriza o diagnóstico de *Transtorno de Humor e/ou Afetivo*. Várias das participantes possuem histórico de internamento em instituições psiquiátricas.

### Considerações Éticas

Todos os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos foram respeitados, tendo sido o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição à qual a pesquisa esteve vinculada<sup>3</sup>, bem como obtidas as autorizações necessárias junto à direção da unidade do CAPS envolvida e à Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba. Os participantes do estudo também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalta-se ainda que os nomes de participantes mencionados neste material são fictícios.

### Instrumentos e Procedimentos

A coleta de dados foi realizada por meio de quatro instrumentos principais: o *Desenho da Figura Humana*; o *Objeto Encontrado*; o *Corpo Coletivo*; e o *Caderno Metonímico*. No presente artigo são apresentados, em alguns detalhes, dois dos referidos instrumentos. Optou-se pelo primeiro e pelo terceiro, respectivamente, pois ambos reúnem elementos relevantes que dizem respeito diretamente ao foco aqui exposto, a

---

<sup>3</sup> O projeto de pesquisa foi aprovado por meio do Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, sob o número 499.593, CAAE 20923613.0.0000.0102.

saber, os constructos *Identidade*, *Self* e *Alteridade*, e sua repercussão no trabalho com as especificidades dos participantes em questão:

#### Desenho da Figura Humana

Com auxílio do *Módulo Significante*<sup>4</sup>, que produz um delineamento da silhueta do corpo, o instrumento nomeado *Desenho da Figura Humana* funciona a partir da concepção de indício<sup>5</sup>, tal como proposto por Joly (2007), que entende que o indício não é somente um traço, mas a marca direta de um contato que atua pela memória imagética que o participante tem de seu corpo e, com isso, a relação do que se apresenta graficamente no espaço imaginário do sujeito se reproduz nas próprias linhas do desenho, ou seja, no espaço simbólico.

Assim que realizado o contorno com o Módulo Significante, este é removido e o participante dá continuidade à produção imagética ampliando, para além do contorno do módulo, seus registros memoriais. Tal técnica apoia-se na concepção de *espaço infinito* – como na pintura “Composição n. 5” de Lygia Clark, por exemplo – apresentada por Fabbrini (1994) –, em que a artista procura orientar o traço na construção de um campo sensorial que avança ao deslocar as margens naturais do quadro, com o rompimento da própria moldura. No presente caso o participante, ao retirar os módulos para dar continuidade à criação, libera sua imagética (tantas vezes fixada em uma só imagem mental), oportunizando novas possibilidades de visualizar a si mesmo.

No presente contexto as mulheres participantes do estudo utilizaram-se do papel como suporte da expressão por meio do Módulo Significante, oportunizando-se que o indício deixado após sua retirada permitisse explorações e desdobramentos em novas imagens psíquicas. Partindo do imaginário e instigadas pelo propositor<sup>6</sup> a aprofundar sua

---

<sup>4</sup> Módulos em madeira que oferecem a imagem do contorno do corpo, possibilitando ao participante a produção do desenho corporal e seu delineamento. Funciona como indício da imagem corporal por meio de tracejado do contorno do módulo.

<sup>5</sup> Segundo Joly (2007), o indício corresponde à classe dos signos que mantém uma relação causal de contiguidade física com aquilo que representam. É o caso dos signos ditos naturais, como a palidez para a fadiga, o fumo para o fogo, a nuvem para a chuva; mas também para relações criadas por humanos, como a pegada deixada por um caminhante na areia ou o uso da aliança no dedo anelar para indicar que uma pessoa é casada.

<sup>6</sup> Entende-se como *propositor* o indivíduo que conduz a intervenção. À medida que o propositor acolhe o participante, vai se delineando uma “história” que, por meio das palavras e de outros elementos simbólicos (desenhos, objetos), conta acerca dos processos de resignificação de conflitos e das consequentes repercussões no *self* e na identidade do sujeito.

sensibilidade, passaram a ilustrar momentos significativos da vida, visando à reelaboração de situações conflituosas com auxílio do desenho e de sua relação com as memórias e relatos que acompanhavam sua expressão.

No entendimento do STAA, delinear a figura humana com auxílio do Módulo Significante e repeti-la por diversas vezes, configura primeiramente uma ação iterativa. Contudo, a cada situação em que o sujeito introduz novos recursos imagéticos ao esquema básico, manifesta-se o procedimento recursivo, permitindo-lhe atualizar elementos identitários e de *self* a partir da experiência de visualizar e buscar integrar esses novos recursos em sua autoimagem (Sant’Ana-Loos & Loos-Sant’Ana, 2013a).

#### Corpo Coletivo

Inspirando-se na prática desenvolvida por Lygia Clark (1994), o movimento dos participantes do Corpo Coletivo consiste na procura de novos espaços que levem o próprio corpo, em processo de ressignificação com o auxílio das ações anteriores, a espaços mais amplos, de maneira que sua “nova configuração” possa interatuar com outros elementos e agregar significados atualizados às interações. Portanto, o processo bidimensional experienciado com o Desenho da Figura Humana encontra agora um campo expandido onde se apresentam os novos sentidos subjetivos alcançados pelo sujeito, os quais podem ser canalizados em sentidos objetivos ou sociais – sem perder, no entanto, sua via metafórica, pois é por meio dela que a transformação psíquica acontece. E por meio do fio condutor da alteridade, ao reviver a dialética do do eu-outro, do “dentro-fora”, significados podem ser, a cada vez, atualizados. Por isso, o caráter extraordinário desse jogo tende a permanecer na vida diária.

O trabalho no contexto do Corpo Coletivo se deu nas sessões destinadas a elaborar as relações do “fazer”, bem como do “ir e vir” na visualidade com o espaço, ampliando a geografia em que o indivíduo se movimenta e destacando aspectos implicados na autopercepção. Nas duas sessões finais do estudo envolveu a visita a um Salão de Beleza. Tal atividade foi escolhida tendo em vista a evolução das participantes ao longo da intervenção, em que se observou abertura à possibilidade de potencializar e promover sua autoimagem. Buscou-se oportunizar a experiência de identificar sua imagem como *uma gestalt*, uma forma integralizada no espelho (seguindo o mesmo princípio da imagem especular), na qual pudessem ser refletidas e percebidas as alterações psíquicas e físicas operadas durante o trabalho.

Segue-se um sucinto quadro demonstrativo do andamento das atividades propostas, bem como dos objetivos principais que se buscou atingir ao longo das doze sessões:

SESSÕES	ATIVIDADES	OBJETIVOS
1ª SESSÃO	(1) Apresentação e convite para o projeto. Entrega de texto com conteúdo propositor.	Apresentar a proposta e convidar para a pesquisa. Iniciar o projeto através da oferta de um texto reflexivo.
2ª SESSÃO	(2) Apresentação de imagens que exploram relações de identidade e subjetividade. Elaboração de desenho com o nome próprio e o Módulo Significante.	Pesquisar o significado do nome próprio e relações com a identidade. Apresentar imagens da arte relacionando-as a conteúdos subjetivos dos participantes. Propor o Desenho da Figura Humana com o Módulo Significante, orientando acerca de suas possibilidades.
3ª SESSÃO	(3) Desenho com Módulo Significante (corpo masculino ou feminino).	Levar à rememoração da infância com as imagens paterna e materna ou de cuidadores. Dar ênfase à função escolhida pelo participante, buscando identificações.
4ª SESSÃO	(4) Desenho com Módulo Significante (corpo masculino ou feminino).	Buscar identificações no núcleo parental. Levar à expressão de conteúdos subjetivos e a captar relações com a identidade.
5ª SESSÃO	(5) Desenho com Módulo Significante (corpo masculino ou feminino).	Buscar identificações diversas (irmãos e outros objetos de identificação) e canais de expressão de conteúdos subjetivos.
6ª SESSÃO	(6) Desenhos com Módulo Significante (mãos e pés).	Elaborar as relações do “fazer”, bem como do “ir e vir” na visualidade com o espaço.
7ª SESSÃO	(7) Desenhos com Módulo Significante (mãos e pés).	Idem ao anterior, dando continuidade ao trabalho neste foco.
8ª SESSÃO	(8) Encontro em espaço público de estética e beleza.	Potencializar relações de promoção da autoimagem e da autopercepção com recursos imagéticos de ressignificação do corpo.
9ª SESSÃO	(9) Desenvolvimento de <i>assemblagens</i> com auxílio do Módulo Significante da figura humana.	Identificar relações relevantes na autopercepção e identidade do sujeito pela justaposição de itens significativos (técnica da <i>assemblage</i> ).
10ª SESSÃO	(10) Elaboração dos Cadernos Metonímicos.	Formalizar e organizar o processo de produção subjetiva por meio dos materiais produzidos e selecionados para compor o caderno.
11ª SESSÃO	(11) Planejamento e organização de instalação artística com as <i>assemblagens</i> .	Constituir um Corpo Coletivo imagético, no sentido de qualificar a interação com o tecido social ( <i>alteridade</i> ).
12ª SESSÃO	(12) Realização de uma mostra com os participantes e a propositora, apresentando o Corpo Coletivo em espaço público. Discussão coletiva de fechamento.	Finalização da proposta por meio da mostra do Corpo Coletivo e dos Cadernos Metonímicos

Quadro 1.

Atividades e procedimentos propostos para a coleta de dados, com seus respectivos objetivos.

## Análises

Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio da análise do material qualitativo produzido, sendo que os procedimentos buscaram seguir do âmbito empírico para o interpretativo, ou seja, do que é falado e feito em direção ao seu sentido, como definem os trabalhos de Aguiar e colaboradores (2006, 2015). Com isso, a apreensão dos núcleos de significação contidos no discurso e nas produções dos sujeitos se deu tanto pela palavra quanto pelo ato *como um dizer*, como explica Ansermet (2003).

Desse modo, os conteúdos foram interpretados a partir da concepção do *Autorretrato Ampliado* em consonância com as dimensões psíquicas Configurativa, Recursiva e Moduladora apresentadas pelo Sistema Teórico da *Afetividade Ampliada* (STAA) em sua concepção de Célula Psíquica (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013a). Outros elementos teóricos convergentes com essa concepção, alguns também apresentados como fundamentação do presente trabalho, foram eventualmente aproveitados.

A produção gráfica e as *assemblagens*<sup>7</sup>, bem como os registros individuais das ações realizadas, foram analisados visando-se chegar a uma significação compreensiva dos sentidos que emergiram da subjetividade dos participantes. São reportados aqui, sobretudo, indicadores de como os participantes se percebiam em sua Dimensão Configurativa (identidade) e Recursiva (*self*), bem como das transformações decorrentes do processo observadas por meio da Dimensão Moduladora (alteridade), reconhecendo-a enquanto essencial na atualização dos recursos internos e, conseqüentemente, no alívio dos sintomas de sofrimento psíquico.

## Resultados e Discussão

A intenção inicial era a de seguir uma sequência das várias opções do Módulo Significante no Desenho da Figura Humana. No entanto, no decorrer do processo houve o entendimento de que o movimento próprio de cada participante requisita certo módulo

---

<sup>7</sup> O que orienta a *assemblage* é a "estética da acumulação". Qualquer material pode ser incorporado visando romper com as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana. O conceito de *assemblage* diz respeito à concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original. Recuperado de <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>

que corresponda às suas necessidades psíquicas em cada momento. Sendo assim, foi considerada uma reorientação no uso de tais módulos em prol de uma demanda originada no próprio processo identificatório das participantes, tendo seu uso repetido quando necessário, coincidindo assim com a proposta de encontro da singularidade traduzida por uma demarcação gráfica própria sobre si mesmo que cada qual conseguia expressar, e respeitando os passos necessários à sua evolução.

O trabalho com as recordações, incluindo as de infância, mostrou-se bastante efetivo. Sabe-se que a recordação disponibiliza um trabalho imagético, não apenas no nível perceptivo, mas permitindo o engendramento de novas imagens. Isso ocorre pela possibilidade de “descristalizar” a memória, ou seja, destituí-la de seu caráter sintático e privilegiar seu conteúdo *semântico*, conforme explica o STAA (Pauls, 2017). Tal ação, que favorece a substituição da autoimagem instituída em favor de uma ressignificação imagética, parece ter ajudado a reelaborar a visualidade que as participantes possuíam acerca de si mesmas e de sua experiência no mundo, devido ao aspecto relacional que se estabeleceu a partir do acolhimento, por parte da propositora, de tais conteúdos.

De maneira a compartilhar alguns resultados e consequentes reflexões no presente momento, optou-se por apresentar, a seguir, extratos dos casos analisados, privilegiando-se a concepção dinâmica que se desejou imprimir a esse estudo.

#### *Na Teia das Identificações, um Simulacro do Eu*

Ao chegar ao Centro de Atenção Psicossocial, a queixa da participante *Miriam*<sup>8</sup>, muito introspectiva ao integrar o grupo, foi de depressão. Seus sintomas mais visíveis eram, contudo, ansiedade, tremores, dores no corpo e frequentes quedas que a impediam de realizar qualquer trabalho doméstico – do qual as filhas e o marido passaram, então, a ficar incumbidos. Seus sintomas se iniciaram após a perda da primeira filha com cerca de seis meses de idade. Miriam sentia-se culpada, acreditando que o falecimento do bebê poderia ter sido evitado se houvesse procurado assistência médica em tempo.

No início dos encontros, sua aparência se apresentava descuidada e havia uma comunicação bastante restrita com a propositora, demais profissionais, e com os frequentadores da instituição. Nesse período comunicou sua desconfiança de que as

---

<sup>8</sup> Relembramos que, respeitando o anonimato das participantes, os nomes aqui utilizados são fictícios.

peças “falavam mal” dela. Também se encontrava muito dependente dos familiares, ao ponto de terem de lembrá-la do banho e dos remédios, e sempre acompanhá-la quando saía de casa.

Apesar de se sentir incapacitada de realizar muitas coisas, Miriam participou das atividades com visível interesse e se mostrou entusiasmada com a utilização do Módulo Significante. Conforme a demanda do vestígio imagético, a participante permitiu-se lançar graficamente ao que se apresentava a cada momento como lembrança. Nesse percurso gráfico, Miriam empregou diversos módulos e, através da experiência sensível a ela oportunizada, engajou-se no processo de reelaborar o que lhe afetava, como também a elementos de seu contexto afetados por ela, o que a possibilitou traduzir e ampliar sua autoimagem.

Suas primeiras escolhas foram da silhueta feminina, sendo que a silhueta masculina apareceu poucas vezes e em uma folha de papel individualizada. Retomando reiteradamente o “duplo” da silhueta feminina, nas diversas repetições atribuiu a imagem às suas outras filhas:



Figura 1.  
Silhueta feminina em “duplo”, produzida por Miriam.

Decidiu-se então pelo desenho das mãos e, em seguida, solicitou a cabeça feminina, referindo novamente a uma das filhas, mas sem relatar nada a respeito. A silhueta masculina apareceu novamente, em duplo, lado a lado na folha, tendo feito referência ao pai e ao marido.

Num próximo momento optou pelos pés e, em seguida, retornou ao duplo das silhuetas femininas, fixando-se durante três encontros nesse mesmo módulo, usando alternadamente o Módulo Significante de maneira associada à produção de objetos. Miriam escolheu, na sequência, o desenho livre, produzindo um lago com peixes e



mencionando lembranças da infância em uma chácara em que costumava pescar em companhia do pai. Ao longo da consecução de tal expressão gráfica, Miriam passou a discorrer sobre a família. Diante de um profícuo discurso imagético, o silêncio verbal usual de Miriam se rompeu e produziu um longo relato de infância. Sua mãe abandonou os filhos quando ela tinha oito anos de idade e a partir desse abandono o pai assumiu integralmente os cuidados com a família. Relatou que tinham a pescaria como um dos passatempos prediletos.

Aparentava crença na prática das atividades como possuindo efeito terapêutico, buscando os desenhos sempre que trazia queixas de algum desconforto emocional: “*Hoje não estou bem, quero desenhar a menina!*” Solicitava então o Módulo Significante, continuando a alternar os desenhos e a confecção de objetos.

Apesar da comunicação verbal reduzida no início, Miriam recorrentemente buscava justificar suas produções como “malfeitas”: “*Eu não sei fazer nada direito, eu não consigo fazer nada!*”. Ao longo do trabalho, passou a relatar alguns episódios marcantes de sua infância tendo, como foco principal, o abandono da mãe, que deixou a ela e a seus irmãos apenas sob os cuidados paternos. Referiu-se à mãe dizendo: “*Minha mãe não gostava da gente!*”. Repentinamente, “lembrou-se” da filha que perdeu e tal resgate se corporificou como se tivesse ocorrido naquele exato momento. Exclamou: “*Se eu tivesse levado ela antes no hospital, isso não teria acontecido!*”.

Verifica-se que, no decorrer da vivência de tais atividades, Miriam acabou revelando conflitos significativos relativos ao sentimento de perda, inicialmente da mãe, relacionando depois com o da filha ainda bebê. Enquanto recordava de sua infância reclamava de seu corpo, das dores físicas e das quedas para as quais não encontrava explicação, a não ser a de uma suposta fibromialgia, aventada certa vez por um médico.

Ocupando-se com frequência de um mesmo módulo e repetindo-o de forma sistemática, o comportamento de Miriam remeteu à concepção de que todo ato criativo é constituído também de repetição. Ainda, que a repetição faz parte da constituição do sujeito, oferecendo um suporte às suas formas de afetamento, como, por exemplo, o desamparo, o medo, e outras sensações que causam sofrimento. No entanto, essa repetição tem uma eficácia própria que se mostra nas pequenas diferenças reveladas por meio do próprio recurso imagético – um processo que alterna a *iteratividade* e a *recursividade*, conforme explica o STAA, elementos necessários à (re)construção do *self* (Sant’Ana-

Loos & Loos-Sant'Ana, 2013a). Miriam repetia a imagem, referindo-se às filhas, que na aparência gráfica continuavam as “mesmas”. Enquanto isso Miriam, a cada dia, transformava-se mais: cabelos com novo corte, roupas novas e “produzidas”, uso de maquiagem e de bijouterias; sua renovada imagem falava por ela.

Já *Alice*, outra participante do grupo, possuía um diagnóstico com seis internamentos, sendo três em hospitais psiquiátricos, utilizando vários medicamentos. Seus sintomas se iniciaram logo que lhe foi revelada sua paternidade desconhecida. Com um estreito relacionamento com o pai que, até então era reconhecido como o ‘pai verdadeiro’, é a mais velha entre três filhos. Ela era a filha que o acolhia, acompanhando-o em sua condição de alcoolista crônico e com conflitos psíquicos e emocionais, também com internamentos.

Segundo *Alice*, aos 32 anos lhe foi revelado não ser filha biológica desse pai, apenas da mãe. Essa situação encerra, contudo, um agravante ainda maior: juntamente com a revelação de não ser filha do pai com quem ela se identificava, descobriu ser fruto de um estupro por parte do irmão da mãe, seu tio, que após o ocorrido fugiu deixando a irmã (sua mãe) grávida. Os laços familiares, portanto, foram abalados pelo conhecimento de outra paternidade, esta constituída em uma relação de incesto.

A figura paterna é considerada um importante marcador identitário, já que as identificações próprias se fazem a partir da renúncia de unidade simbiótica com os progenitores. Sendo o pai um dos polos dessa identificação, tornou-se de fundamental importância, em alguns casos, considerar a percepção sobre como esta relação com a figura paterna vem afetando a constituição de identificações posteriores, bem como a prefiguração de sua identidade.

Quando *Alice* iniciou o trabalho com o Módulo Significante, escolheu um corpo masculino e um feminino, passando a tracejá-los e produzindo dois desenhos em folhas individuais. Seguindo o processo, retirou os módulos procurando “completar” as representações. Esse modo simples e aparentemente mecânico de operar com o módulo e com as linhas do desenho possibilitou à participante, contudo, acessar um engendramento entre a linguagem e as memórias que lhe representavam fonte de sofrimento, uma vez que a partir de então é que passou a relatar episódios de sua vida. As queixas que a trouxeram ao centro de atendimento consistiam em choro sem motivo aparente, tremores e calores no corpo, além de vozes de comando de morte que a levaram aos internamentos.

Alice também contou sobre seus quatorze anos trabalhando em uma agência funerária. Descreveu como preparava os corpos para o “guardamento”, como ela referia. Mostrava fortes sintomas de ansiedade que a faziam ficar com o corpo muito trêmulo; no entanto, enquanto descrevia seu trabalho, encenando com as mãos a preparação mortuária dos corpos, seu próprio corpo cessava com os tremores. “*Eu gostava desse trabalho!*”, disse. A propositora perguntou então, o que ela gostava nesse trabalho, ao que ela respondeu: “*Os corpos! Eles estão ali, não falam, não incomodam a gente!*”. Alice falava e gesticulava olhando para o vazio, como se um corpo estivesse ali, à sua frente. Seu relato sobre a experiência de trabalho continha, nas entrelinhas, as relações tecidas entre ela e outros corpos: os corpos de seus familiares vivos e que lhe eram fonte de conflito. Nas palavras de Motta e Rivera (2004), a ‘imagem morta de uma coisa viva’.

Elementos da autopercepção são, muitas vezes, associados ao conceito de “eu ideal”<sup>9</sup> e afetam as identificações do sujeito, implicando em como sua identidade se constitui. A representação da figura paterna, que antes garantia uma via de sentido de “lei”, repentinamente se viu afetada por uma “opacidade”. Ao confrontar e compartilhar a verdadeira história de sua concepção, Alice obrigou-se a ressignificar a si mesma.

#### *Tecendo o Fio Dourado da Alteridade*

A possibilidade de realizar uma atividade que proporcione certa satisfação pode modificar o sujeito, estabelecendo novas relações de necessidades. De acordo com Aguiar e Ozella (2006), “[...] *a necessidade não conhece seu objeto de satisfação, ela completa sua função quando o descobre pelo outro*” (p. 228), ou seja, pela alteridade.

Quando os participantes trazem lembranças do que se oculta pelo que está sendo representado, permitem emergir conteúdos há muito subtraídos, colocando em discussão seus laços de identificação, bem como as crenças de autorreferência constituídas a partir destes – as quais são, por isso mesmo, implicadas necessariamente no fio da alteridade.

No caso de intervenções desse tipo justifica-se, portanto, uma postura que envolva a suspensão, por parte do propositor, de qualquer concepção cristalizada acerca do sujeito com quem irá interagir. Assim, o emergir de uma nova ordem explicativa é possível,

---

<sup>9</sup> O ‘*eu ideal*’ constitui-se no ‘estágio do espelho’ (parte do movimento especular, citado anteriormente) e é a fonte de uma projeção imaginária que a criança recebe, vinda da mãe ou de seus cuidadores (Roudinesco & Plon, 1998).

concedendo espaço à organização singular derivada do próprio sujeito, bem como dele nessa nova interação. Segundo Lima (2019), a ideia de saúde, nesse contexto, está relacionada à *ampliação da capacidade de realizar conexões, de ampliar a potência de ação, de adquirir maior plasticidade, de abrir o campo de possibilidades*. Isso se mostra imprescindível na confecção do Autorretrato Ampliado e em sua proposta de contribuir na reelaboração de conteúdos psíquicos como registros de identificações constituintes de si.

Nas atividades incluídas na categoria Corpo Coletivo a intenção principal foi a de proporcionar a vivência coletiva de movimentos e transformações corpóreas, uma vez que a realidade imediata do corpo, como na poética de Lygia Clark, é vista como lugar privilegiado para proposições que visam à libertação de conflitos existenciais (Carvalho, 2011). Novas visualidades do ser são produzidas em um contexto repleto de alteridade, em que as pessoas envolvidas realizam trocas mútuas de conteúdos psíquicos. Tal processo ajuda a “[...] *reestabelecer a confiança no outro, a pacificar, a amenizar as feridas narcísicas, a dar coragem, a intensificar a presença de cada um no mundo, a reatar diálogos*.”, como explana Rolnik (2006, p. 35).

Nessa ação direcionada para um caminho, um processo que se desenrola no âmbito corporal e psíquico ao mesmo tempo – pois, como defende Campos (2007), a imagem corporal e o ‘eu’ são recriados de modo simultâneo –, é que a visita ao Salão de Beleza ganhou sentido terapêutico, oportunizando uma ação transformadora:



Figura 2: Corpo Coletivo - Visita ao salão de beleza.

Acompanhou-se a produção de uma nova imagem autorreferente, a partir de parâmetros constituintes do *self* recentemente reelaborados durante o processo de intervenção, engendrando maneiras renovadas de se posicionar no mundo, isto é, de

manifestar sua identidade. As relações do *afetar e ser afetado* (Sant'Ana-Loos & Loos-Sant'Ana, 2013b), constituídas a partir dessa nova dimensão vivencial ainda em processo de validação, ganham contornos caracterizados, agora, pela horizontalidade nas interações. Isso tende a repercutir, gradativamente, em todas as instâncias em que o sujeito necessita (re)apropriar-se de seus recursos subjetivos para poder melhor lidar com a objetividade, ou seja, com o mundo à sua volta.

### Considerações finais

A partir da compreensão de que não se deve simplesmente adequar o sujeito a uma proposta rígida sobre um modelo normalizado de comportamento, mas em certo sentido e provisoriamente “compactuar” com o movimento sintomático do participante, a fim de *escutá-lo qualificadamente* é que se articula a presente proposta. O retrato, uma alternativa de expressão que possui fortíssimo potencial enquanto oportunidade para contínuas (re)significações, mostra-se como recurso privilegiado no trabalho imagético humano. Afinal, muitos traços da visualidade do mundo se encontram nas imagens, e de certa forma, é possível ver nelas uma similitude da realidade. Essa identificação com as coisas e os objetos, mesmo com a alteração pela própria leitura e interpretação, mostra-se presente no retrato, seja ele uma pintura ou uma fotografia. Portanto, a arte representativa também compreende a satisfação psicológica, implicada no fato de “reencontrar” uma experiência visual em uma imagem, ou seja, uma experiência de memória afetiva (Lima & Loos, 2014).

Deste modo, o *Autorretrato Ampliado* buscou, no contexto de estudo em questão, propiciar momentos de reconstrução de Células Psíquicas fragilizadas por processos que foram sendo instaurados ao longo da vida dessas pessoas: crenças autorreferenciadas depreciativas, resultantes de maus tratos, ou consequências da negação de sua identidade por parte dos familiares e/ou cuidadores estavam presentes reiteradamente. Tais situações são comumente acrescidas da falta de atendimento adequado por parte da escola e de demais instituições que deveriam servir como fatores de proteção para o desenvolvimento de recursos psíquicos; portanto, para a saúde mental.

A técnica do *Autorretrato Ampliado* aproveita, então, as lembranças como recurso subjetivo de extrema relevância em um processo onde o sujeito, na consecução de práticas

artísticas orientadas para a exploração da imagética pessoal, produz intensamente novas imagens de si e, desse modo, recria-se na diferença, como algo novo e mais apreciado por si mesmo que vai, aos poucos, brotando da plasticidade que se encontra em sua instância resiliente e criativa.

Através da experiência aqui conduzida foi possível ativar e valorizar as dimensões subjetiva e coletiva, com foco no desenvolvimento pessoal e relacional dos participantes deste trabalho, buscando promover interações mais harmoniosas, de acordo com os fundamentos do Sistema Teórico da *Afetividade Ampliada* (STAA). A propósito, aludimos aqui – com base nesse arcabouço teórico – não somente à importância de nossa inscrição corpórea no mundo, mas sim a uma inscrição *existencial* no mundo, o que requer a integração entre corpo e mente, e, desta unidade, com a essência do mundo (Loos-Sant’Ana, Sant’Ana-Loos & Costa, 2019), uma vez que esta essência está presente, de alguma forma, em todos nós.

Obviamente o estudo empreendido possui limitações, tanto pelo fato de se tratar de uma amostra reduzida, quanto pelo tempo de intervenção que, visando resultados concretos e duradouros nos sujeitos que experienciam sofrimento psíquico, necessita ser mais extenso. Contudo, reconhece-se que os indicadores produzidos no contexto desta pesquisa – e que mostraram efetividade no auxílio aos sujeitos que dele tomaram parte – podem se desdobrar em conhecimentos potencialmente úteis na revisão da concepção de algo tido, até então, como ‘loucura’.

Poder-se-ia dizer, ainda, que esta abordagem se apresenta como uma *terapia desocupacional*, no sentido de deslocar no sujeito o que em sua organização psíquica se fez pelo outro de maneira áspera, rude, para que encontre seu “vão vazio”:

*Diz-se que há um muro entre nós  
e os outros, mas é um muro que fazemos  
juntos: cada qual coloca a sua pedra, no  
vão deixado pelo outro.*

(Merleau-Ponty)

E, a partir dessa catarse, esteja pronto para ressignificar suas experiências, a cada milésimo de segundo, na criatividade de seu viver no mundo. Que consiga preencher o vão, frequentemente tão doloroso, com algo que vá mais ao encontro das necessidades de

sua organicidade. Dentro dessa perspectiva, portanto, entende-se que sempre há algo ainda a ser inventado: trata-se de se inventar uma nova poética<sup>10</sup>, a “poética da vida cotidiana”.

### Agradecimentos

Agradecemos ao apoio financeiro obtido durante o período de realização da pesquisa, na forma de Bolsa de Estudos, modalidade REUNI, outorgada à segunda autora.

### Referências

- Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição de sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Aguiar, W. M. J., Soares, J. R. & Machado, V, C. (2015). Núcleos de significação: uma proposta metodológica em constante movimento. *Anais do EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação. Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente*. Recuperado de <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=&titulo=&edicao=5&autor=Aguiar&area=54>
- Amarante, P. (2011). *Saúde mental e atenção psicossocial*. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- American Psychological Association. (2012). *Manual de publicação da American Psychological Association* (6a ed., D. Bueno, trad.). Porto Alegre, RS: Penso.
- Ansermet, F. (2003). *Clínica da origem: a criança entre a medicina e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa.
- Arnheim, R. (2005). *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

---

<sup>10</sup> No vocabulário da arte contemporânea, o conceito de *poética* traduz o alcance de uma produção singular do artista.

- Campos, S. C. S. (2007). A imagem corporal e a constituição do eu. *Reverso*, 54, 63-70. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952007000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952007000100009)
- Carvalho, D. H. B. (2011). O corpo na poética de Lygia Clark e a participação do espectador. *Moringa*, 2(2), 134-142. Recuperado de <http://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/viewFile/11756/6809>
- Didi-Huberman, G. (2010). *O que vemos, o que nos olha*. 2ª. edição. São Paulo: Editora 34.
- Dobal, S. (2016). Autorretratos: transcendendo a subjetividade. *Revista Nupem*, 8(15), 209-219. Recuperado de <http://fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/767/919>
- Fabbrini, R. (1994). *O espaço de Lygia Clark*. São Paulo: Atlas.
- Joly, M. (2007). *Introdução a uma análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- Lima, E. A. (2019). Artes menores: criação de si e de mundos nas ações em saúde mental. In: Amarante, P.; Nocam, F. (Orgs.). *Saúde Mental e Arte: práticas, saberes e debates*. 2ª. edição. São Paulo: Zagodoni.
- Lima, T. P. S. (2014). *O autorretrato na perspectiva do Sistema Teórico da Afetividade Ampliada: contribuições para a compreensão da identidade de sujeitos que frequentam um Centro de Atenção Psicossocial*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Lima, T. P. S. & Loos, H. (2014). O Autorretrato Ampliado. In: Saldanha, A. & Ornellas, M. (Orgs.). *Artes, Comunidade e Educação: Atas do 2.º Congresso da Rede IberoAmericana de Educação Artística / 26.º Encontro Nacional da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual*. Guimarães (Portugal).
- Loos-Sant'Ana, H., Sant'Ana-Loos, R. S. & Costa, A. B. (2019). Rhythm is a dancer: An essay about *Affectfullness* as a parameter of human development. *International Journal for Innovation Education and Research*, 7(2), 28-42. Recuperado de: <https://doi.org/10.31686/ijer.Vol7.Iss2.1317>
- Motta, L. & Rivera, T. (2004). Encarnação da subjetividade / subjetivação da carne: notas sobre a alteridade e o corpo. *Interações*, 9(17), 55-70. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v9n17/v9n17a04.pdf>



- Pauls, M. (2017). *Indicativos de conexões e afinidades entre o aprendizado da linguagem formal e a inserção à álgebra elementar: um ensaio sobre a superação de dificuldades por meio da semiótica e da Afetividade Ampliada*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Pereira, A. (2018). O corpo/imagem: estética e ética em Georges DiDi-Huberman. *Paralaxe*, 5(número especial), 3-11. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/paralaxe/article/view/40538>
- Rolnik, S. (2006). *Lygia Clark, da obra ao acontecimento. Somos o molde, a você cabe o sopro*. São Paulo: Pinacoteca do Estado.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sant’Ana-Loos, R. S. & Loos-Sant’Ana, H. (2013a). Célula Psíquica: a face estrutural da unidade básica da psique e da *Afetividade Ampliada*. *PsicoDom*, 12. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/327619012\\_celula\\_psiquica\\_a\\_face\\_estrutural\\_da\\_unidade\\_basica\\_da\\_psique\\_conforme\\_a\\_afetividade\\_ampliada](https://www.researchgate.net/publication/327619012_celula_psiquica_a_face_estrutural_da_unidade_basica_da_psique_conforme_a_afetividade_ampliada)
- Sant’Ana-Loos, R. S. & Loos-Sant’Ana, H. (2013b). A *Afetividade Ampliada* enquanto meta-teoria: breve ensaio acerca do que nos faz humanos e repercussões para a Psicologia. *PsicoDom*, 12. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/327616030\\_a\\_afetividade\\_ampliada\\_enquanto\\_metateoria\\_breve\\_ensaio\\_acerca\\_do\\_que\\_nos\\_faz\\_humanos\\_e\\_repercussoes\\_para\\_a\\_psicologia](https://www.researchgate.net/publication/327616030_a_afetividade_ampliada_enquanto_metateoria_breve_ensaio_acerca_do_que_nos_faz_humanos_e_repercussoes_para_a_psicologia)
- Silva, E. F. G. (2017). Sofrimento humano e medicalização: considerações para a clínica psicológica. *Psicologia Argumento*, 35(88), 82-97. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.35.88.AO06>
- Souza, P. C. (2015). *Fazendo arte no hospital: um olhar a partir do Sistema Teórico da Afetividade Ampliada para crianças em situação de vulnerabilidade física e psicológica*. Dissertação de Mestrado (não publicada), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Submetido: 27/12/2019

Aprovado: 20/05/2020